
CONSTRUINDO IDENTIDADES, JUSTIFICANDO AÇÕES: A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DOS TERRORISTAS NOS DISCURSOS DE GEORGE W. BUSH¹

CONSTRUCTING IDENTITIES, JUSTIFYING ACTIONS: THE IDENTITY
CONSTRUCTION OF THE TERRORISTS IN THE DISCOURSES OF GEORGE W.
BUSH

Wagner Martins dos Santos

Resumo

Este artigo analisa os discursos do ex-presidente norte-americano George W. Bush e os elementos discursivos que o permitiram construir uma dicotomia identitária, representada, por um lado, pelos 'terroristas' e, por outro, pelos 'americanos', sendo capaz de justificar suas ações em esfera internacional, culminando com a intervenção militar no Iraque em março de 2003. Com a base teórica fornecida pela teoria pós-estruturalista, sobretudo amparada nos argumentos teóricos levantados por David Campbell e Lene Hansen, e partindo da assertiva de que o discurso importa e se constitui na própria realidade, esta pesquisa argumenta da importância de se compreender o entrecruzamento entre identidade e política externa, refletida nos mitos e simbologias em torno de temas como terrorismo, democracia e armas de destruição em massa. Ao final, concluo que, mais do que discursos, os elementos levantados pelo ex-presidente foram capazes de moldar uma percepção particular dos 'terroristas' e dos 'americanos', e, com isso, orientar toda a política externa norte-americana em questões de segurança internacional.

Palavras-chave: Identidade; Terroristas; Discurso; George W. Bush; Estados Unidos.

Abstract

This article analyzes the official discourses of US ex-President George W. Bush and discursive elements that enabled him to build an identity dichotomy, represented on the one hand, the 'terrorists' and, on the other side, by 'American', being able to justify their actions in the international arena, culminating with the military intervention in Iraq in March, 2003. Supported by the theoretical basis provided by the poststructuralist, specially the arguments provided by authors such as David Campbell and Lene Hansen, and based on the assertion that the discourse matter and is the own reality, this research argues about the importance of understanding the intersection between identity and foreign policy, reflected in the myths and symbols around issues such as terrorism, democracy and weapons of mass destruction. At the end, I conclude that, more than discourses, the elements raised by the former president were able to shape a particular perception of 'terrorists' and 'Americans', and thereby direct all US foreign policy issues in international security.

Keywords: Identity; Terrorists; Discourse; George W. Bush; United States.

¹ Este artigo é fruto da dissertação de mestrado defendida pelo autor em março de 2016 no Programa de Pós-graduação em Relações Internacionais da PUC Minas. A pesquisa foi financiada pela CAPES.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo trata da linguagem pública da 'guerra ao terror' e a forma como ela foi estrategicamente utilizada para justificar e normalizar uma campanha global contra o terrorismo, desenvolvida, sobretudo, durante os dois governos do ex-presidente norte-americano George W. Bush (2001-2009). Amparado em uma literatura pós-estruturalista das Relações Internacionais, para a qual nenhum significado, objetividade, ou ainda qualquer concretude material existe longe da prática discursiva, este artigo argumenta que, mais do que um conjunto de argumentos, os discursos proferidos pelo ex-presidente foram capazes de construir uma identidade amplamente aceita pela comunidade internacional, resultando em uma demonização dos chamados 'terroristas' em contrapartida aos 'americanos', diferenciados destes, por serem 'pacíficos' e 'livres'.

Considerando ser o ex-presidente Bush a fonte primária desta pesquisa, analiso apenas seus discursos, levantando os principais elementos verificados como relevantes para a construção identitária dos terroristas e sua divergência em relação aos americanos. A diferenciação acaba por legitimar a necessidade da guerra, afinal, onde ambos se assemelham, não há justificativa para o conflito. A diferença entre o self e o other verificada nos discursos públicos do ex-presidente o ajudou a consolidar uma clara existência de um grande perigo no mundo, representado pelos terroristas, cujo principal objetivo seria o de ameaçar e destruir as bases sob as quais a civilização fincara seus bens de maior valor – suas vidas, sua democracia, sua liberdade e seu modo de vida. Nesta realidade, os terroristas seriam insanos, diabólicos e desejosos de produzir armas de destruição em massa com o único objetivo de destruir o mundo ocidental, em especial os Estados Unidos da América (EUA).

Esta pesquisa gira em torno de dois eixos centrais. O primeiro objetiva apresentar ao leitor os argumentos pós-estruturalistas sobre como a teoria comprehende a noção de 'identidade', com especial foco a identidade estatal. Ao argumentar não possuir a identidade qualquer origem, fundação, a abordagem pós-estruturalista confere ao discurso o papel fundamental nessa construção, acarretando um cenário aberto e dinâmico, e não cíclico, pré-determinado. Contrariando as teorias tradicionais, como o (neo)realismo e o (neo)liberalismo, e passando, também, pelo construtivismo, o pós-estruturalismo não considera a identidade uma posse, carregada consigo por onde quer que se vá. Ela é fruto dos nossos discursos, e seria impossível comprehender-la sem que eles fossem levados em consideração. O segundo objetivo, amparado nos argumentos teóricos iniciais, visa explorar a narrativa da guerra ao terror através dos próprios discursos do ex-presidente George W. Bush entre 2001-2009. Seus principais argumentos, suas formas e expressões, as claras diferenças culturais criadas discursivamente, os mitos que eles englobaram e suas consequências no que diz respeito a quem seria o inimigo a ser combatido, e, acima de tudo, por qual motivo a guerra seria necessária. Essa análise revelará, como consequência, a importância de questões identitárias como decisivas para a política externa.

O artigo está dividido em três partes: (1) apresento ao leitor os argumentos pós-estruturalistas sobre a criação da identidade estatal e sua relação com a política externa; (2) analiso os dois mandatos do

ex-presidente George W. Bush (2001-2009) e os elementos discursivos que o permitiram construir os 'terroristas', dota-los de características negativas, em contrapartida aos 'americanos' e, posteriormente, justificar suas ações em política externa; e (3) concluo analisando a importância das questões identitárias e seu entrecruzamento nas relações internacionais, exemplificadas pelo governo do ex-presidente Bush em sua luta contra o terrorismo.

A relação entre política externa e identidade

Questões identitárias são inescapáveis à existência de qualquer pessoa. É possível encontrarmos alguém que não se identifique com determinada cultura ou identidade, mas não é possível que se julgue "sem qualquer identidade". Apesar desta assertiva, ela não pode nos fazer entender a identidade como uma posse ou algo inerente à existência de cada um e carregada consigo por onde quer que se vá. Segundo Campbell (1998): "[...] [a identidade] não é fixada pela natureza, dada por Deus, ou planejada através de um comportamento intencional. A diferença é constituída em relação com a identidade²" (CAMPBELL, 1998, p. 9, tradução nossa). Mas apesar disso, ela não tem uma origem, uma fundação. Onde quer que se fale de grupos sociais ou Estados, a identidade estará sempre presente de forma dinâmica, construída através de fronteiras e demarcações que servem para separar o inside do outside, o si mesmo do outro, o doméstico do estrangeiro (CAMPBELL, 1998).

A constituição identitária dos Estados não possuiria, portanto, um sentido primário, originário. O Estado não surgiu com uma identidade inerente a ele. A sua presença soberana na política mundial é formada pela sua relação com os demais, e os discursos arrolados a ele acabam por manter estável uma identidade que lhe seria particular. Nas palavras de Campbell (1998) essa fixação é "[...] tenuamente constituída no tempo [...] mediante uma repetição estilizada de seus atos [...] e não através de atos fundadores, mas mediante um regular processo de repetição³" (CAMPBELL, 1998, p. 10, tradução nossa).

Campbell (1998) ainda afirma que se um Estado elimina as práticas de representação que constroem a sua identidade, decreta a sua própria morte. Em questões de segurança, por exemplo, se o Estado não tem nada o que temer, e nem cria perigos constantes que sejam aglutinadores sociais e contra os quais se deva temer e empregar forças contra, o sentido de sua existência se esgota. Quanto mais práticas que reforcem sua razão de existência, ainda que de forma imaginária, mais sentido a identidade estatal ganha. O autor ainda completa: "A articulação constante de perigo através de política externa não é, portanto, um ameaça para a identidade ou a existência de um Estado; é sua condição de possibilidade⁴" (CAMPBELL, 1998, p. 13, tradução nossa).

² Texto original em inglês: [...] is not fixed by nature, given by God, or planned by intentional behavior. Difference is constituted in relation to identity.

³ Texto original em inglês: [...] tenuously constituted in time [...] through a stylized repetition of acts, not [through] a founding act, but rather a regulated process of repetition.

⁴ Texto original em inglês: The constant articulation of danger through foreign policy is thus not a threat to a state's identity or existence; it is its condition of possibility

Lene Hansen (2006), ao analisar a relação entre a formação identitária dos grupos políticos e sua relação com a política externa dos Estados entende ser esse o centro da agenda pós-estruturalista em termos de análise internacional. É através da formulação da política externa que as identidades são produzidas, e não o contrário, ao passo que o discurso passa a ser a base central para se entender como determinada política foi articulada no sentido de justificar alguma ação estatal. Nesses termos, “[...] a Política Externa serve para reproduzir a constituição das identidades feitas possíveis mediante uma ‘política externa’ e conter os desafios à identidade resultante dessa interação”⁵ (CAMPBELL, 1998, p. 69, tradução nossa).

Não haveria, segundo Hansen (2006), como separar o discurso da própria elaboração das políticas, nem o contexto em que ele é proferido. O discurso político também seria social, pois é legitimado na esfera pública por atores que possuem legitimidade para impor uma interpretação a respeito dos fatos. Dessa forma, a representação política dos fatos está ligada a um conceito de identidade cunhado discursivamente em um contexto social que se está inserido.

O pós-estruturalismo foca nos discursos como articulados nos textos escritos e falados, além de uma atenção especial a metodologia de leitura (como são as identidades identificadas dentro textos de política externa e como deve ser entendida a relação articulação entre discursos opostos a seres estudados?) E a metodologia de seleção textual (que fóruns e tipos de texto deve ser escolhida e quantas devem ser incluídos?)⁶ (HANSEN, 2006, p. 2, tradução nossa).

Para se entender como o caráter discursivo se estabelece e reproduz ao longo do tempo, a autora explica que a construção de alguma coisa pressupõe o seu próprio oposto para ser legitimada. Dizer que algo é, ou que elementos característicos possui, seria, ao mesmo tempo, dizer o que ele não é, negando todas as outras características. Sendo assim, a concepção de identidade não seria dada, mas construída discursivamente de forma oposta ao que algo é ou não é. Falar em Americanos, Europeus, bárbaros ou subdesenvolvidos é constituir uma série de identidades arroladas ao que, por outro lado, seria o não-American, não-Europeu, civilizado e desenvolvido. Ou seja, há uma relação entre o discurso e o não-discurso. Nesse sentido é que os conceitos de identidade elaborados discursivamente e que orientam a política externa de uma nação implicam sempre em articular o self e uma série de others. Discursos de segurança, por exemplo, explica Hansen (2006), seriam elaborados tendo em vista o self nacional como sendo diferente do outro que ofereça um possível risco. No entanto, não apenas as questões identitárias serviriam como base para se construir o other: questões geográficas, tribais, terroristas, mulheres ou qualquer outra característica que denote diferença pode servir como base para se justificar uma questão de segurança.⁷

⁵ Texto original em inglês: Foreign Policy serves to reproduce the constitution of identity made possible by ‘foreign policy’ and to contain challenges to the identity which results.

⁶ Texto original em inglês: Poststructuralism’s focus on discourses as articulated in written and spoken text calls in addition for particular attention to the methodology of reading (how are identities identified within foreign policy texts and how should the relationship between opposing discourses be studied?) and the methodology of textual selection (which forums and types of text should be chosen and how many should be included?).

⁷ Para exemplificar, Hansen (2006) ilustra a construção identitária da mulher durante o séc. XIX. Através de uma série de signos e elementos discursivos é que se chegou a uma diferenciação que seria capaz de mostrar as diferenças entre o homem e a mulher

As práticas estatais e sua produção em relação a identidade buscam afirmar uma clara diferença em relação aos demais. A política externa, mediante suas práticas de diferenciação, implica um confronto entre o self e o other (abrangendo tanto questões positivas, quando as práticas se assemelham, quanto negativas, quando se repelem). Nesses termos, a política externa atua em nome de quem a opera, e depende dos discursos de medo e perigo que são construídos. O perigo é mais do que um limite espacial demarcado; ele é construído mediante um fechamento em torno da comunidade que supostamente é ameaçada. A relação entre o que “nós” somos traz um sentimento intrínseco acerca do que “nós” devemos temer (CAMPBELL, 1998).

Considerando que a relação espacial que definirá o que é perigoso do que é seguro é carregada de valores morais intrínsecos, inferimos que as questões identitárias são muito profundas, a ponto de não poderem ser limitadas a uma divisão territorial. Em outras palavras, a linha divisória, caracterizada como um ponto forte da noção de soberania estatal na visão clássica⁸ não é capaz de definir identidades. Elas não se limitam a uma divisão cartesiana. Como tal, a identidade é uma condição que não pode ser catalogada mediante um ponto de origem ou condição que sirva como timoneiro para todas as ações estatais de forma perene.

A identidade é, portanto, mais do que algo que deriva o seu significado unicamente através de uma posição em contraposição à diferença; a identidade é uma condição profunda, composta por multicamadas, possui textura, e compreende muitas dimensões [...] os ingredientes que compreendem a identidade não podem ser reduzidos a qualquer fonte única espacial ou temporal⁹ (CAMPBELL, 1998, p. 74, tradução nossa).

O que Campbell (1998) quer chamar atenção na relação entre a política externa e a identidade é que ela não seria caracterizada como as ações de um Estado para com os demais, mas como parte de sua própria existência. Não apenas em momentos específicos é que seria explícita qual a política a ser aplicada e em que momento, mas a produção constante de fronteiras e discursos ideológicos já se constitui como política externa, não através de algo pré-definido nem construído episodicamente com o que se objetiva alcançar, mas de forma constante e mutável¹⁰.

pelas suas características identitárias. A mulher seria inferior ao homem, emocional, enquanto o homem seria racional; seria materna, enquanto o homem intelectual. O homem seria apto para a política, enquanto à mulher caberia cuidar de assuntos caseiros. A autora, no entanto, lembra que os significados atribuídos a ambos não foram dados, mas construídos através das práticas linguísticas que colocaram o homem em uma posição privilegiada em detrimento da mulher, que ocuparia um cargo inferior. A construção discursiva da mulher durante o séc. XIX era, portanto, negativa, e o oposto materializado através do homem, necessitaria de características positivas para justificar a diferenciação.

⁸ A visão clássica seria a vertente neorrealista e neoliberal.

⁹ Texto original em inglês: Identity is therefore more than something which derives its meaning solely from being positioned in contradistinction to difference; identity is a condition that has depth, is multi-layered, possesses texture, and comprises many dimensions [...] ingredients that comprise a settled identity cannot be reduced to any single spatial or temporal source.

¹⁰ Ao transpor essa afirmação para o caso norte-americano, por exemplo, Campbell (1998) explica que, historicamente, a identidade americana foi construída sempre através de algo a que se devia temer: nativos, coroa britânica, espanhóis, mexicanos, comunistas e traficantes de drogas. Diferentes perigos em diferentes ocasiões permitiram a criação de conceitos característicos dos americanos como contrapartida ao que eles não seriam; ao invés de comunistas, traficantes e bárbaros, seriam brancos, livres, puritanos, cristãos e democráticos

O terrorismo e a construção identitária dos terroristas: self e other

A centralidade do terrorismo nos discursos de Bush se constitui no principal elemento de construção do inimigo que permeou seus discursos após o 11 de setembro. Para esta análise, foram analisados 829 discursos entre janeiro/2001 e janeiro/2009, onde os elementos a que esta pesquisa se propõe foram observados. O governo norte-americano disponibiliza todos os discursos presidenciais, de modo que fizemos um levantamento para analisarmos o comportamento dos discursos de Bush e a sua presença no que diz respeito à temática 'terrorismo'. É importante destacar que, no caso específico do terrorismo, expandimos a seleção para sinônimos do termo que estejam de acordo com o contexto analisado (ex. atos de terror, grupos terroristas, terroristas). O quadro 1 ilustra a quantidade de discursos analisados e seu respectivo ano.

Quadro 1 - Percentual de discursos analisados entre jan/2001 - jan/2009

Ano	Nº discursos
2001	240
2002	146
2003	116
2004	65
2005	65
2006	75
2007	65
2008	43
2009	14
Total	829

Fonte: Elaborado pelo autor com dados extraídos dos discursos de George W. Bush entre jan/2001 - jan/2009

Em suma, quatro categorias em relação ao terrorismo foram verificadas nos discursos do ex-presidente: (1) a distinção entre ameaça/perigo real; (2) ato terrorista como ato de guerra; (3) a indefinição do inimigo; e (4) o contraponto aos valores americanos.

A análise de discursos realizada mostrou que, mesmo antes dos atentados, já havia uma grande preocupação por parte de Bush sobre a possibilidade de ataques terroristas, conforme afirmou: "**Nós não temos nenhuma prioridade mais elevada** que não seja a defesa do nosso povo contra ataques terroristas"¹¹ (BUSH, 2001a, tradução nossa, grifo nosso). Todavia, após os atentados, esse elemento de potencializou e tomou forma, sofrendo uma drástica mudança. O que antes era apenas uma ameaça passou a ser considerado um perigo real, podendo estar em qualquer lugar, e de forma constante investir contra os Estados Unidos. Os atentados ocorridos em 11 de setembro de 2001 foram, a princípio, considerados por Bush como atos terroristas, atos de terror, ataques terroristas, atos malignos. No

¹¹ Texto original em inglês: We have no higher priority than the defense of our people against terrorist attack.

entanto, pouco tempo depois dos ataques houve uma mudança discursiva, e o que antes era um ato de terror passou a ser um ato de guerra. Os discursos a seguir destacam essa mudança:

Hoje, os nossos concidadãos, o nosso modo de vida, a nossa própria liberdade foi atacada em uma série de atos terroristas deliberados e mortais [...] **atos de terror** [...] **ataques terroristas** [...] **atos malignos** [...]¹² (BUSH, 2001b, tradução nossa, grifo nosso).

Foram atos de guerra [...] **uma luta do bem contra o mal** [...]. Mas nós não permitiremos que este inimigo **ganhe a guerra**¹³ (BUSH, 2001c, tradução nossa, grifo nosso).

Contudo, é importante ressaltar que a guerra ocorre em âmbito estatal, ou seja, guerra é contra Estados¹⁴. Os discursos de Bush, no entanto, relativizam esse pressuposto. O que a princípio era um ato de terror/terrorista, não tardou a ser considerado um ato de guerra, mais do que terrorista, mesmo o inimigo não se tratando de um Estado.

A guerra tem sido travada contra nós [...]¹⁵ (BUSH, 2001d, tradução nossa, grifo nosso).

Nós estamos em guerra. Esse tem sido um ato de guerra declarado contra a América pelos terroristas, e nós responderemos de acordo. [...]. Mas essas pessoas **declararam guerra contra nós** e nós faremos o que for preciso para termos certeza que estamos a salvo internamente¹⁶ (BUSH, 2001e, tradução nossa, grifo nosso).

Os ataques deliberados e mortais que foram realizados ontem contra nosso país foram mais do que atos de terror. **Foram atos de guerra**¹⁷ (BUSH, 2001f, Tradução nossa, grifo nosso).

Ao criar um contexto de guerra, os discursos de Bush construíram a relação amigo/inimigo para justificar o clima bélico criado e contra quem os Estados Unidos estariam empregando forças. Nesse sentido é que o 'novo inimigo' é citado, criando um ambiente favorável aos EUA e suas ações: "**A segurança da América também enfrenta uma nova ameaça**, que é a ameaça do terror"¹⁸ (BUSH, 2001n, tradução nossa, grifo nosso). Tendo os Estados Unidos como capazes de delimitar quem e onde está o inimigo, é que o ex-presidente Bush relativiza a objetividade de algo a ser combatido, podendo estar em qualquer lugar e se materializar das mais diversas formas, conforme afirma no documento National

¹² Texto original em inglês: Today, our fellow citizens, our way of life, our very freedom came under attack in a series of deliberate and deadly terrorist acts [...] acts of terror [...] terrorist attacks [...] evil acts. Este discurso data de 11 de setembro de 2001, mesmo dia dos ataques.

¹³ Texto original em inglês: [...] acts of war [...] struggle of good versus evil [...]. But we will not allow this enemy to win the war. Este discurso data de 11 de setembro de 2001, mesmo dia dos ataques.

¹⁴ Silberstein (2002) reforça este entendimento, e explica que é necessária uma análise discursiva para se entender essa mudança narrativa. Assim diz a autora: "Esse evento foi denominado primeiro um ato de "terror" e, em seguida, tornou-se um ato de "guerra". "Atos de guerra" são normalmente retribuídos com outros "atos da guerra" - mas guerra contra quem? Para fazer essas perguntas é necessário fazer uma análise linguística crítica do 11/9, para perguntar como a linguagem pode ser empregada para unir a política nacional num senso comum" (SILBERSTEIN, 2002, p. xi, tradução nossa).

¹⁵ Texto original em inglês: War has been waged against us by stealth and deceit and murder.

¹⁶ Texto original em inglês: We're at war. It has been an act of war declared upon America by terrorists, and we will respond accordingly. [...]. But these people have declared war on us and we will do whatever it takes to make sure that we're safe internally.

¹⁷ Texto original em inglês: The deliberate and deadly attacks which were carried out yesterday against our country were more than acts of terror. They were acts of war.

¹⁸ Texto original em inglês: The safety and security of America also faces a new threat, and that is the threat of terror.

Strategy for Combating Terrorism (NSCT):¹⁹ “O inimigo não é uma pessoa. Não é um único regime político. Certamente não é uma religião. O inimigo é o terrorismo [...]”²⁰ (NSCT, 2003, p. 1, tradução nossa, grifo nosso).

Em outro documento, publicado em 2002, o National Security Strategy (NSS), Bush reforça essa característica e o fato de haver uma obscuridade em relação ao tipo de inimigo que deveria ser combatido. Enquanto no passado ele se apresentava de forma direta, o novo momento exigia cautela, porém, ações precisas e orquestradas para se identificar e punir aqueles que estariam trazendo o caos.

Defender nossa nação contra seus inimigos é o primeiro e fundamental compromisso do Governo Federal. **Hoje, essa tarefa mudou dramaticamente. Inimigos no passado precisavam de grandes exércitos e grandes capacidades industriais para pôr a América em perigo. Agora, redes sombrias dos indivíduos podem trazer grande caos e sofrimento para as nossas costas por menos do que custa para comprar um único tanque.** Os terroristas estão organizados para penetrar sociedades abertas e para transformar o poder das tecnologias modernas contra nós²¹ (NATIONAL..., 2002, p. [1], tradução nossa, grifo nosso).

Bush entendia que os ataques ao WTC e ao Pentágono, embora não tivessem sido reivindicados em sua autoria por algum Estado, partiram de um inimigo, sem face, que personificava o mal. E contra esse mal, os EUA iniciariam um novo tipo de guerra: a guerra contra o terrorismo. Assim afirmou Bush: “A liberdade foi atacada esta manhã por um covarde sem face, e a liberdade será defendida. **Não se enganem: os Estados Unidos vão caçar e punir os responsáveis por esses atos covardes**”²² (BUSH, 2001j, tradução nossa, grifo nosso).

E no intuito de delimitar e enquadrar quem seriam os responsáveis pelos ataques, Bush define as características que seriam naturais dos ‘terroristas’ em contrapartida ao que seria dos ‘americanos’. Essas características se mantiveram desde o 11 de setembro até o final do seu mandato, revelando uma estabilidade identitária em relação aos terroristas.

Nessa construção do *self*, alguns elementos são importantes destacar: (1) como uma verdadeira comunidade imaginada,²³ Bush afirma constantemente haver uma união do povo americano contra os terroristas. A unidade nacional seria natural, pois as características americanas naturalmente destoariam das terroristas; (2) há um constante reforço das qualidades americanas: liberdade, bondade, equilíbrio, pacifismo, racionalidade e unidade, em contrapartida aos terroristas, que seriam opostas aos americanos;

¹⁹ A National Strategy for Combating Terrorism (Estratégia Nacional para Combate ao Terrorismo) foi um documento publicado pelo governo federal norte-americano em 2003 no intuito de definir os parâmetros a serem utilizados pelos Estados Unidos no combate ao terrorismo.

²⁰ The enemy is not one person. It is not a single political regime. Certainly it is not a religion. The enemy is terrorism [...].

²¹ Defending our Nation against its enemies is the first and fundamental commitment of the Federal Government. Today, that task has changed dramatically. Enemies in the past needed great armies and great industrial capabilities to endanger America. Now, shadowy networks of individuals can bring great chaos and suffering to our shores for less than it costs to purchase a single tank. Terrorists are organized to penetrate open societies and to turn the power of modern technologies against us.

²² Texto original em inglês: Freedom itself was attacked this morning by a faceless coward, and freedom will be defended [...]. Make no mistake: The United States will hunt down and punish those responsible for these cowardly acts.

²³ Para uma leitura aprofundada sobre ‘comunidades imaginadas’, ler Anderson, 2008.

e (3) por diversas vezes Bush afirma ser tamanha a diferença entre ambos, a ponto de não existir meio-termo: ou se está do lado da América ou com os terroristas.

Toda nação, em toda região, tem agora que tomar uma decisão. **Ou se está conosco, ou se está com os terroristas.** [...]. Deste dia em diante, qualquer país que continue abrigando ou apoiando o terrorismo será considerado pelos Estados Unidos como um regime hostil²⁴ (BUSH, 2001h, tradução nossa, grifo nosso).

Bush não oferece alternativa intermediária, de modo que nenhuma nação seria neutra nesse processo. Nem mesmo Deus seria neutro nessa guerra.

Nenhuma nação pode ser neutra nesse conflito, pois nenhuma nação civilizada pode estar segura em um mundo ameaçado pelo terror²⁵ (BUSH, 2001k, tradução nossa, grifo nosso).

Liberdade e medo, justiça e残酷, sempre estiveram em guerra, **e nós sabemos que Deus não é neutro entre eles**²⁶ (BUSH, 2001h, tradução nossa, grifo nosso).

Em seu discurso proferido em 11 de outubro de 2001, Bush também reforça as características positivas dos americanos.

Temos demonstrado grande amor por nosso país, e grande tolerância e respeito por todos os nossos compatriotas. Fiquei impressionado com isso: que em muitas cidades, quando as mulheres cristãs e judaicas descobriram que as mulheres muçulmanas - mulheres cobertas - tinham medo de sair de suas casas sozinhas, que elas foram fazer compras com eles, que eles mostraram a verdadeira amizade e apoio - **um ato que mostra ao mundo a verdadeira natureza da América**. [...]. Um mês após grande sofrimento e tristeza, **a América é forte e determinada e generosa**. Estou honrado em liderar tal país, e eu sei que nós estamos prontos para os desafios futuros. [...]. Esta grande nação, **uma nação amante da liberdade, uma nação compassiva, uma nação que comprehende valores da vida**. [...] como posso responder quando vejo que, em alguns países islâmicos há ódio virulento para com a América? Eu vou te dizer como eu respondo: Eu fico espantado. Estou surpreso que exista tal incompreensão do que o nosso país é, por parte das pessoas que nos odeiam. Eu sou, eu sou - como a maioria dos americanos, eu simplesmente não posso acreditar. **Porque eu sei o quanto bom somos** [...]. [...] **uma das armas mais verdadeiras que temos contra o terrorismo é mostrar ao mundo a verdadeira força de caráter e bondade do povo americano**²⁷ (BUSH, 2001i, tradução nossa, grifo nosso).

²⁴ Texto original em inglês: Every nation, in every region, now has a decision to make. Either you are with us, or you are with the terrorists. From this day forward, any nation that continues to harbor or support terrorism will be regarded by the United States as a hostile regime.

²⁵ Texto original em inglês: No nation can be neutral in this conflict, because no civilized nation can be secure in a world threatened by terror.

²⁶ Texto original em inglês: Freedom and fear, justice and cruelty, have always been at war, and we know that God is not neutral between them.

²⁷ Texto original em inglês: We've shown great love for our country, and great tolerance and respect for all our countrymen. I was struck by this: that in many cities, when Christian and Jewish women learn that Muslim women - women of cover - were afraid of going out of their homes alone, that they went shopping with them, that they showed true friendship and support - an act that shows the world the true nature of America. [...]. One month after great suffering and sorrow, America is strong and determined and generous. I'm honored to lead such a country, and I know we are ready for the challenges ahead. [...]. this great nation, a freedom-loving nation, a compassionate nation, a nation that understands values of life [...]. [...] how do I respond when I see that in some Islamic countries there is vitriolic hatred for America? I'll tell you how I respond: I'm amazed. I'm amazed that there is such misunderstanding of what our country is about, that people would hate us. I am, I am - like most

Nota-se, então, uma representação identitária do *self* e do *other*. Tanto Campbell (1998) quanto Hansen (2006), discutidos no início deste artigo, nos mostram a constante necessidade de separar essa dicotomia no intuito de não se assemelhar ao *other* e, com isso, manter estável o *self*, que estabiliza a identidade e aglutina o sentimento das pessoas em torno de um determinado ideal. A relação entre o que “nós” somos implica, por outro lado, um sentimento acerca do que “nós” também devemos temer. Essas variáveis compreendem uma importante análise da identidade nacional, e sua relevância nos serve para ilustrarmos as maneiras como eles (os interesses nacionais) podem ser moldados e definidos em uma perspectiva pós-estruturalista.

A narrativa de Bush ilustra essa dicotomia no caso civilização/barbárie. Enquanto a civilização é associada à cultura, progresso, valores e amor à família, os bárbaros (terroristas) são cruéis, odiosos, assassinos de crianças e criadores de órfãos. Como consequência, os bárbaros (terroristas) acabam sendo caçados e banidos pela civilização; são menos que sub-humanos, são animais. Bush sugere que haveria uma clara linha demarcatória entre civilizados e selvagens, e que os terroristas estão no segundo campo. Mais do que reforçar e traçar uma linha divisória, o objetivo é justificar a necessidade das ações por parte dos americanos na ‘guerra contra o terrorismo’ como algo necessário e inevitável. Em 20 de setembro de 2001, Bush também usou a dicotomia civilização/barbárie em seu discurso no Congresso Nacional: “Esta não é, no entanto, uma guerra apenas americana. E o que está em jogo não é apenas a liberdade da América. Esta é uma luta mundial. **Este é um conflito da civilização.** Esta é a guerra de todos que acreditam no progresso e pluralismo, tolerância e liberdade”²⁸ (BUSH, 2001h, tradução nossa, grifo nosso). Um mês depois, em 20 de outubro de 2001, em Shanghai, utilizando esses mesmos elementos, Bush afirma que essa guerra era: “[...] uma guerra para salvar o mundo civilizado”²⁹ (BUSH, 2001g, tradução nossa).

Em todo o mundo, as pessoas valorizam suas famílias - e **em nenhum lugar civilizado as pessoas se alegram com o assassinato de crianças ou a criação de órfãos.** Por sua残酷, os terroristas escolheram viver à margem da humanidade. Por seu ódio, **eles se divorciaram a partir dos valores que definem a civilização,** em si³⁰ (BUSH, 2001g, tradução nossa, grifo nosso).

A constante repetição dessa dicotomia permitiu que Bush criasse uma separação entre o que

Americans, I just can't believe it. Because I know how good we are [...]. [...] one of the truest weapons that we have against terrorism is to show the world the true strength of character and kindness of the American people.

²⁸ Texto original em inglês: This is not, however, just America's fight. And what is at stake is not just America's freedom. This is the world's fight. This is civilization's fight. This is the fight of all who believe in progress and pluralism, tolerance and freedom.

²⁹ Texto original em inglês: [...] a fight to save the civilized world.

³⁰ Texto original em inglês: Throughout the world, people value their families -- and nowhere do civilized people rejoice in the murder of children or the creation of orphans. By their cruelty, the terrorists have chosen to live on the margin of mankind. By their hatred, they have divorced themselves from the values that define civilization, itself.

seria correto do que seria errado, além de alcançar uma estabilidade discursiva. O objetivo do ex-presidente era mostrar que havia uma clara diferença entre os EUA e aqueles que estariam representando o mal e personificando o perigo no mundo. Por diversas vezes, expressões que mostrassem a existência real do mal foram empregadas. Assim, a assimilação das características ruins aos terroristas se tornam fixas e facilmente identificáveis.

É importante notar que a construção do outro não se completa em si mesmo, ou seja, é necessário que o *other* seja diferente do *self*. Se os terroristas são os inimigos a serem combatidos, é necessário que nessa oposição binária as qualidades do povo americano sejam ressaltadas e a dos terroristas inferiorizadas. Com isso, entendemos que a criação da dicotomia *self* e *other* não foi natural devido aos ataques, ou seja, os fatos não falaram por si só, mas foram narrados e interpretados pela perspectiva dos atores. Nesses termos, ainda que em algum momento os EUA tenham que cometer algo parecido com as ações terroristas, a justificativa acaba sendo diferente. Se os terroristas morrem, o motivo é pelo fato de serem ruins, e merecerem, mas se os americanos morrem, seria por um ato de bravura, sacrifício, em favor de uma causa.

Nesta provação, fomos lembrados, e o mundo tem visto, que os **nossos compatriotas americanos são generosos e bondosos, engenhosos e corajosos**. Vemos nosso caráter nacional em equipes de resgate que trabalham em grande exaustão; em longas filas de doadores de sangue; em milhares de cidadãos que pediram para trabalhar e servir de qualquer maneira possível. [...]. **E nós vimos nosso caráter nacional em atos eloquentes de sacrifício**. Dentro do World Trade Center, um homem que poderia ter salvo a si mesmo permaneceu até o final ao lado de seu amigo tetraplégico. Um padre amado morreu ao dar os últimos sacramentos a um bombeiro. Dois trabalhadores de escritório, ao encontrarem um estranho debilitado, levaram-no para baixo sessenta e oito andares em segurança. [...]. **Nestes atos, e em muitos outros, os americanos mostraram um profundo compromisso com o outro, e um amor duradouro para o nosso país**³¹ (BUSH, 2001d, tradução nossa, grifo nosso).

É difícil expressar a minha gratidão em palavras adequadas para as pessoas que estão dispostas a se sacrificar pela liberdade. [...]. **E eu quero assegurar os entes queridos que os soldados morreram em uma causa que é justa e certa, e que nós vamos prevalecer**. [...]. Vamos usar os recursos de nosso país, todos os recursos de nosso país [...]. Estou satisfeito que estamos obtendo excelentes progressos. Estamos desmantelando as defesas militares do Taliban. Estamos destruindo esconderijos terroristas. Estamos, lentamente, mas com certeza, circundando os terroristas, para que possamos trazê-los à justiça. [...]. **A única coisa que, para mim, é importante dizer ao povo americano, é que estes soldados não morreram em vão. Esta é uma causa justa. É uma causa importante**. [...]. Temos de ter sucesso - e vamos conseguir³² (BUSH, 2001g, tradução

³¹ Texto original em inglês: In this trial, we have been reminded, and the world has seen, that our fellow Americans are generous and kind, resourceful and brave. We see our national character in rescuers working past exhaustion; in long lines of blood donors; in thousands of citizens who have asked to work and serve in any way possible. [...]. And we have seen our national character in eloquent acts of sacrifice. Inside the World Trade Center, one man who could have saved himself stayed until the end at the side of his quadriplegic friend. A beloved priest died giving the last rites to a firefighter. Two office workers, finding a disabled stranger, carried her down sixty-eight floors to safety. [...]. In these acts, and in many others, Americans showed a deep commitment to one another, and an abiding love for our country.

³² Texto original em inglês: It is hard to express my gratitude in proper words for people that are willing to sacrifice for freedom. [...]. And I want to assure the loved ones that the soldiers died in a cause that is just and right, and that we will prevail. [...]. we will use the resources of our country, all the resources of our country [...]. I am satisfied we're making very good progress. We

nossa, grifo nosso).

Por outro lado, se os terroristas matam, o motivo é pelo fato de serem ruins, mas se os americanos iniciam a guerra, seria para libertar aqueles que vivem sob o jugo terrorista. Em outras palavras, Bush constrói um discurso para mostrar que mesmo causando mortes, a América estaria fazendo isso pelo bem do mundo.

Para derrotar esta ameaça temos de fazer uso de cada ferramenta de nosso arsenal - o poder militar, melhores defesas da pátria, aplicação da lei, inteligência e esforços vigorosos para cortar o financiamento ao terrorismo. A guerra contra terroristas de alcance global é um empreendimento global de duração incerta. **A América vai ajudar nações que precisam de nossa ajuda no combate ao terror.** E a América vai responsabilizar as nações que estão comprometidas com o terror, incluindo aqueles que abrigam terroristas - porque os aliados do terror são os inimigos da civilização. Os Estados Unidos e países que cooperam conosco não devem permitir que os terroristas desenvolvam novas bases. [...]. Iremos cooperar com outras nações para negar, conter e reduzir os esforços de nossos inimigos para adquirir tecnologias perigosas³³ (NATIONAL..., 2002, p. 2-4, tradução nossa, grifo nosso).

A causa da nossa nação tem sido sempre maior do que a nossa defesa. Lutamos, como sempre lutamos, por uma paz justa - uma paz que favorece a liberdade humana. Defenderemos a paz contra ameaças de terroristas e tiranos. Nós vamos preservar a paz construindo boas relações entre as grandes potências. E nós estenderemos a paz encorajando sociedades livres e abertas em todos os continentes³⁴ (BUSH, 2002b, tradução nossa).

A dicotomia criada discursivamente entre o *self* e o *other* nos revela a importância da construção identitária como capaz de orientar ações políticas de alcance global. A 'guerra ao terror' é um exemplo de como percepções justificam ações e implicam em sérias consequências para as questões de segurança entre as nações. Nessa construção, as principais características identitárias elencadas por Bush, em contrapartida aos terroristas, foram: (1) civilizados/bárbaros; (2) livres/opressores; (3) bons/maus; (4) heróis/vilões; (5) vítimas/culpados; (6) pacíficos/bélicos; (7) benevolentes/diabólicos; (8) trabalhadores/parasitas; (9) com face/sem face; (10) generosos/infames; (11) amorosos/malvados; (12)

are dismantling Taliban defenses, Taliban military. We are destroying terrorist hideaways. We are, slowly, but surely, encircling the terrorists so that we can bring them to justice. [...]. The thing that's important for me to tell the American people, that these soldiers will not have died in vain. This is a just cause. It's an important cause. [...]. We must succeed - and we will succeed.

³³ Texto original em inglês: To defeat this threat we must make use of every tool in our arsenal - military power, better homeland defenses, law enforcement, intelligence, and vigorous efforts to cut off terrorist financing. The war against terrorists of global reach is a global enterprise of uncertain duration. America will help nations that need our assistance in combating terror. And America will hold to account nations that are compromised by terror, including those who harbor terrorists - because the allies of terror are the enemies of civilization. The United States and countries cooperating with us must not allow the terrorists to develop new home bases. [...]. We will cooperate with other nations to deny, contain, and curtail our enemies' efforts to acquire dangerous technologies.

³⁴ Texto original em inglês: Our nation's cause has always been larger than our nation's defense. We fight, as we always fight, for a just peace - a peace that favors human liberty. We will defend the peace against threats from terrorists and tyrants. We will preserve the peace by building good relations among the great powers. And we will extend the peace by encouraging free and open societies on every continent.

bondosos/cruéis; (13) piedosos/impiedosos.

É importante, todavia, ressaltar que não é necessária a explícita narrativa dos dois elementos para que seja contemplada a dicotomia entre o *self* e o *other*. O significado implícito de um, pressupõe o oposto do outro, afinal, onde ambos se assemelham, não se constitui em diferença. A seguir citamos todos os discursos onde verificamos tais características e, por fim, elaboramos um quadro resumindo todas as dicotomias.

- 1 [...] estamos diante de um novo tipo de inimigo, alguém tão bárbaro que eles voariam de aviões para edifícios cheios de pessoas inocentes. [...]. Precisamos voltar a trabalhar amanhã e nós o faremos. Mas precisamos estar alerta para o fato de que esses malfeiteiros ainda existem. Nós não temos visto este tipo de barbárie em um longo período de tempo³⁵ (BUSH, 2001l, tradução nossa, grifo nosso).

Os Estados Unidos da América são inimigos daqueles que ajudam os terroristas e os criminosos bárbaros que profanam uma grande religião para cometer assassinato em seu nome³⁶ (BUSH, 2001m, tradução nossa, grifo nosso).

- 2 Os americanos estão perguntando, por que eles nos odeiam? Eles odeiam o que vemos aqui nesta câmara - um governo democraticamente eleito. Seus líderes são autonomeados. Eles odeiam nossas liberdades - nossa liberdade de religião, nossa liberdade de expressão, a liberdade de voto, de se expressar e discordar entre si³⁷ (BUSH, 2001h, tradução nossa, grifo nosso).

Nossos inimigos são engenhosos, e eles são incrivelmente cruéis. Eles se escondem, e têm como alvo a liberdade. Eles não podem suportar o que América representa. Eles devem se incomodar muito em saber que somos um lugar livre e maravilhoso - um lugar onde todas as religiões podem prosperar; um lugar onde as mulheres são livres; um lugar onde as crianças podem ser educadas. [...] **Oito terroristas, oito pessoas que odeiam a liberdade estão agora na prisão** [...]. A nossa terra é grande, e nós sempre valorizamos a liberdade. Nós somos uma sociedade aberta. Mas estamos em guerra. O inimigo declarou guerra contra nós. Terroristas estrangeiros nunca devem mais ser autorizados a utilizar as nossas liberdades contra nós³⁸ (BUSH, 2001n, tradução nossa, grifo nosso).

- 3 Eu estou, eu estou - como a maioria dos americanos, eu simplesmente não posso acreditar. **Porque eu sei como nós somos bons**³⁹ (BUSH, 2001i, tradução nossa, grifo nosso).

³⁵ Texto original em inglês: we're facing a new kind of enemy, somebody so barbaric that they would fly airplanes into buildings full of innocent people. [...]. We need to go back to work tomorrow and we will. But we need to be alert to the fact that these evil-doers still exist. We haven't seen this kind of barbarism in a long period of time.

³⁶ Texto original em inglês: The United States of America is an enemy of those who aid terrorists and of the barbaric criminals who profane a great religion by committing murder in its name.

³⁷ Texto original em inglês: Americans are asking, why do they hate us? They hate what we see right here in this chamber - a democratically elected government. Their leaders are self-appointed. They hate our freedoms - our freedom of religion, our freedom of speech, our freedom to vote and assemble and disagree with each other.

³⁸ Texto original em inglês: Our enemies are resourceful, and they are incredibly ruthless. They hide and they plot, and they target freedom. They can't stand what America stands for. It must bother them greatly to know we're such a free and wonderful place - a place where all religions can flourish; a place where women are free; a place where children can be educated. [...] eight terrorists, eight people who hate freedom are now in jail [...]. Ours is a great land, and we'll always value freedom. We're an open society. But we're at war. The enemy has declared war on us. Foreign terrorists and agents must never again be allowed to use our freedoms against us.

³⁹ Texto original em inglês: I am, I am -- like most Americans, I just can't believe it. Because I know how good we are [...].

Qualquer um que tente afetar as vidas de nossos bons cidadãos é mau. [...] Mas o mau pode vir bom⁴⁰ (BUSH, 2001o, tradução nossa, grifo nosso).

- 4 O povo americano respondeu magnificamente, com coragem e compaixão, força e determinação. **Como eu conheci os heróis, abracei as famílias, e olhei para os rostos cansados das equipes de resgate, eu fiquei admirado com o povo americano⁴¹** (BUSH, 2002a, tradução nossa, grifo nosso).
- 5 O perigo é claro: usando armas químicas, biológicas ou, um dia, armas nucleares, obtidas com a ajuda do Iraque, os terroristas poderiam cumprir as suas ambições declaradas e **matar milhares ou centenas de milhares de pessoas inocentes em nosso país, ou qualquer outro⁴²** (BUSH, 2003a, tradução nossa, grifo nosso).
- 6 **Somos uma nação pacífica.** No entanto, como temos aprendido, tão de repente e tão tragicamente, não pode haver paz em um mundo de terror repentino. Em face da nova ameaça de hoje, a única maneira de buscar a paz é perseguir aqueles que ameaçam⁴³ (BUSH, 2001m, tradução nossa, grifo nosso).
- Esta é uma nação pacífica. Esta é uma nação que não quer nada mais do que um mundo mais livre e mais pacífico. [...]. Nós acreditamos na paz, na manutenção da paz⁴⁴** (2003b, tradução nossa, grifo nosso).
- 7 Nossos inimigos se escondem e tramam em muitas nações. **Eles são diabólicos e impiedosos⁴⁵** (BUSH, 2001p, tradução nossa, grifo nossa).
- 8 Eu avisei de forma muito clara, inequívoca, que, no intuito de evitar punições, **eles devem entregar os parasitas que se escondem em seu país⁴⁶** (BUSH, 2001i, tradução nossa, grifo nosso).
- 9 Nossa visão se opõe a dos terroristas e tiranos que atacam um mundo que nunca podem inspirar. **Essa visão também é ameaçada por inimigos sem rosto⁴⁷** [...] (BUSH, 2001q, tradução nossa, grifo nosso).
- 10 Neste momento fomos lembrados, e **o mundo tem visto que os nossos compatriotas americanos são generosos** e bondosos, engenhosos e corajosos⁴⁸ (BUSH, 2001d, tradução nossa, grifo nosso).
- 11 **Temos demonstrado grande amor por nosso país**, e grande tolerância e respeito por todos os nossos compatriotas. [...]. A América é forte, determinada e generosa. [...]. E é meu dever como Presidente dos Estados Unidos usar os recursos desta grande nação, uma

⁴⁰ Texto original em inglês: Anybody who tries to affect the lives of our good citizens is evil. [...] out of evil can come good.

⁴¹ The American people have responded magnificently, with courage and compassion, strength and resolve. As I have met the heroes, hugged the families, and looked into the tired faces of rescuers, I have stood in awe of the American people.

⁴² Texto original em inglês: The danger is clear: using chemical, biological or, one day, nuclear weapons, obtained with the help of Iraq, the terrorists could fulfill their stated ambitions and kill thousands or hundreds of thousands of innocent people in our country, or any other.

⁴³ Texto original em inglês: We're a peaceful nation. Yet, as we have learned, so suddenly and so tragically, there can be no peace in a world of sudden terror. In the face of today's new threat, the only way to pursue peace is to pursue those who threaten it.

⁴⁴ Texto original em inglês: this is a peaceful nation. This is a nation that wants nothing more than the world to be more free and more peaceful. [...]. We believe in the peace, in keeping the peace.

⁴⁵ Texto original em inglês: Our enemies hide and plot in many nations. They are devious and ruthless.

⁴⁶ I made it very clear to them, in no uncertain terms, that in order to avoid punishment, they should turn over the parasites that hide in their country.

⁴⁷ Texto original em inglês: Our vision is opposed by terrorists and tyrants who attack a world they can never inspire. This vision is also threatened by the faceless enemies [...].

⁴⁸ Texto original em inglês: In this trial, we have been reminded, and the world has seen, that our fellow Americans are generous and kind, resourceful and brave.

nação amante da liberdade, uma nação compassiva, uma nação que comprehende valores da vida, e o terrorismo é extirpado onde quer que exista⁴⁹ (BUSH, 2001i, tradução nossa, grifo nosso).

- 12 **Nossos inimigos são engenhosos, e eles são incrivelmente cruéis**⁵⁰ (BUSH, 2001n, tradução nossa, grifo nosso).
- 13 Muitas nações e muitas famílias têm vivido nas sombras do terrorismo por décadas - **anos contínuos de matança sem sentido e piedade**⁵¹ (BUSH, 2002c, tradução nossa, grifo nosso).

Quadro 2 - Diferenças entre americanos e terroristas - *self* e *other*

	AMERICANOS	TERRORISTAS
1	Civilizados	Bárbaros / Selvagens / Cruéis
2	Livres	Opressores
3	Bons	Maus
4	Heróis	Vilões
5	Vítimas	Culpados
6	Pacíficos	Bélicos
7	Benevolentes	Diabólicos
8	Trabalhadores	Parasitas
9	Com face	Sem face
10	Generosos	Infames
11	Amorosos	Malvados
12	Bondosos	Cruéis
13	Piedosos	Impiedosos

Fonte: Elaborado pelo autor com dados extraídos dos discursos de George W. Bush entre 2001-2009

Conclusão

Este artigo analisou um importante período da política internacional, representado pelos dois mandatos do ex-presidente norte-americano George W. Bush (2001-2009) e os elementos discursivos que foram observados no processo de construção identitária dos chamados 'terroristas' em contrapartida aos 'americanos'. Tal distinção permitiu que Bush justificasse as ações de seu governo em âmbito externo, culminando com a intervenção militar iniciada no Iraque em março de 2003. Uma grande lição pode ser tirada desta pesquisa, influenciando em estudos futuros sobre política internacional: a importância de se estudar o entrecruzamento entre identidade e política externa. A dificuldade de teorias da vertente realista

⁴⁹ Texto original em inglês: We've shown great love for our country, and great tolerance and respect for all our countrymen. [...]. America is strong and determined and generous. [...]. And it's my duty as the President of the United States to use the resources of this great nation, a freedom-loving nation, a compassionate nation, a nation that understands values of life, and rout terrorism out where it exists.

⁵⁰ Texto original em inglês: Our enemies are resourceful, and they are incredibly ruthless.

⁵¹ Texto original em inglês: Many nations and many families have lived in the shadows of terrorism for decades - enduring years of mindless and merciless killing.

e liberal em considerar aspectos subjetivos acabam por limita-las neste aspecto. Observamos que, mais do que discursos proferidos com objetivo de convencer a comunidade internacional, Bush orientou a própria política externa em conformidade com tais atribuições identitárias criadas. Esse fato torna o estudo das questões identitárias ainda mais relevante em tempos onde os acontecimentos desafiam a lógica puramente racional na explicação dos fatos.

Ainda nesse sentido, é importante ressaltar o sucesso do discurso. Tal sucesso pode ser observado na extensão com que ele é recepcionado pelos próprios agentes políticos. A aceitação dos elementos elencados por Bush fez com que a crítica em relação a eles fosse praticamente nula. Grupos de pressão, associações, igrejas e pesquisadores praticamente não questionaram, a ponto de até mesmo a oposição, o Partido Democrata, ter consentido ações externas em questões como armas de destruição em massa e a guerra contra o Iraque. A extensão e recepção desses elementos foram capazes de marginalizar discursos alternativos contra eles, revelando o poder que a prática discursiva tem no convencimento e posterior apoio para suas ações (JACKSON, 2005). Embora os mandatos do ex-presidente tenham findado em 2009, os mitos e símbolos criados em torno deles continuam vivos e constantemente rememorados em discussões sobre armas de destruição em massa, o papel da América enquanto potência econômica e militar, em estudos sobre Estados falidos, mas, sobretudo, a cada novo ataque terrorista ocorrido em qualquer parte do mundo.

* Artigo recebido em 24 jan 2018,
aprovado em 24 abr 2018.

REFERÊNCIAS

BUSH, George W. Remarks by the President to the Troops and Personnel. Virginia, 13 fev. Disponível em: <http://georgewbush-whitehouse.archives.gov/news/releases/20010213-1.html>. Acesso em 10 jun. 2016, 2001a.

BUSH, George W. Statement by the president in his address to the nation. Washington D.C, 11 set. Disponível em: <http://georgewbush-whitehouse.archives.gov/news/ releases/2001/09/20010911-16.html>, 2001b.

BUSH, George W. Remarks by the president in photo opportunity with the national security team. Washington D.C, 11 set. Disponível em: <http://georgewbush-whitehouse.archives.gov/news/releases/2001/09/20010912-4.html>. Acesso em 10 jun. 2016, 2001c.

BUSH, George W. President's Remarks at National Day of Prayer and Remembrance. Washington DC, 14 set. Disponível em: <http://georgewbush-whitehouse.archives.gov/news/releases/2001/09/20010914-2.html>. Acesso em 10 jun. 2001d.

BUSH, George W. President urges readiness and patience. Maryland, 15 set. Disponível em: <http://georgewbush-whitehouse.archives.gov/news/releases/2001/09/20010915-4.html>. Acesso em 10 jun. 2016, 2001e.

BUSH, George W. Remarks by the president in photo opportunity with the national security team. Washington D.C, 12 set. Disponível em: <http://georgewbush-whitehouse.archives.gov/news/releases/2001/09/20010912-4.html>. Acesso em 10 jun. 2016, 2001f.

BUSH, George W. President says terrorists tried to disrupt world economy. Shanghai, 20 out. Disponível em: <http://georgewbush-whitehouse.archives.gov/news/releases/2001/10/20011021-5.html>. Acesso em 10 jun. 2016, 2001g.

BUSH, George W. Address to a joint session of Congress and the American people. Washington D.C, 20 set. Disponível em: <http://georgewbush-whitehouse.archives.gov/news/releases/2001/09/20010920-8.html>. Acesso em 10 jun. 2016, 2001h.

BUSH, George W. President holds prime time news conference. Washington, 11 out. Disponível em: <http://georgewbush-whitehouse.archives.gov/news/releases/2001/10/20011011-7.html>. Acesso em 10 jun. 2016, 2001i.

BUSH, George W. Bush spoke from Barksdale Air Force Base in Louisiana. Louisiana, 11 set. Disponível em: http://www.washingtonpost.com/wp-srv/onpolitics/transcripts/bushtext2_091101.htm. Acesso em 10 jun. 2016, 2001j.

BUSH, George W. President Bush: "No Nation Can Be Neutral in This Conflict". Varsóvia, 6 nov. Disponível em: <http://georgewbush-whitehouse.archives.gov/news/releases/2001/11/20011106-2.html>. Acesso em 10 jun. 2016, 2001k.

BUSH, George W. Remarks by the President upon arrival. Washington D.C, 16 set. Disponível em: <http://georgewbush-whitehouse.archives.gov/news/releases/2001/09/20010916-2.html>. Acesso em 10 jun. 2016, 2001l.

BUSH, George W. Presidential address to the nation. Washington D.C, 7 out. Disponível em: <http://georgewbush-whitehouse.archives.gov/news/releases/2001/10/20011007-8.html>. Acesso em 10 jun. 2016, 2001m.

BUSH, George W. Remarks by the President to U.S. Attorneys Conference. Washington D.C, 29 nov. Disponível em: <http://georgewbush-whitehouse.archives.gov/news/releases/2001/11/20011129-12.html>. Acesso em 10 jun. 2016, 2001n.

BUSH, George W. President Discusses Stronger Economy and Homeland Defense. Maryland, 24 out. Disponível em: <http://georgewbush-whitehouse.archives.gov/news/releases/2001/10/20011024-2.html>. Acesso em 10 jun. 2016, 20010.

BUSH, George W. Radio Address by the President To the Nation. Washington D.C, 24 nov. Disponível em: <http://georgewbush-whitehouse.archives.gov/news/releases/2001/11/20011124.html>. Acesso em 10 jun. 2016, 2001p.

BUSH, George W. President Delivers Commencement Address at Coast Guard. Connecticut, 21 maio. Disponível em: <http://georgewbush-whitehouse.archives.gov/news/releases/2003/05/20030521-2.html>. Acesso em 10 jun. 2016, 2001q.

BUSH, George W. President delivers State of the Union Address. Washington D.C, 29 jan. Disponível em: <http://georgewbush-whitehouse.archives.gov/news/releases/2002/01/20020129-11.html>. Acesso em 10 jun. 2016, 2002a.

BUSH, George W. President Bush delivers graduation speech at West Point. New York, 1 jun. Disponível em: <http://georgewbush-whitehouse.archives.gov/news/releases/2002/06/20020601-3.html>. Acesso em 10 jun. 2016, 2002c.

BUSH, George W. President Thanks World Coalition for Anti-Terrorism Efforts. Washington D.C, 11 mar. Disponível em: <http://georgewbush-whitehouse.archives.gov/news/releases/2002/03/20020311-1.html>. Acesso em 10 jun. 2016, 2002c.

BUSH, George W. President says Saddam Hussein must leave Iraq within 48 hours. Washington D.C, 17 mar. Disponível em: <http://georgewbush-whitehouse.archives.gov/news/releases/2003/03/20030317-7.html>. Acesso em 10 jun. 2016, 2003a.

BUSH, George W. President Discusses National, Economic Security in California. California, 2 maio. Disponível em: <http://georgewbush-whitehouse.archives.gov/news/releases/2003/05/20030502-7.html>. Acesso em 8 jun. 2016, 2003b.

CAMPBELL, David. Writing Security: United States foreign policy and the politics of identity. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1998.

HANSEN, Lene. Security as Practice: discourse analysis and the Bosnian war. New York: Routledge, 2006.

JACKSON, Richard. Writing the war on terrorism: language, politics and counter-terrorism. Manchester: Manchester University Press, 2005.

NATIONAL SECURITY STRATEGY (NSS). Disponível em: <http://www.state.gov/documents/organization/63562.pdf>. Acesso em 10 jun. 2016, 2002.

NATIONAL STRATEGY FOR COMBATING TERRORISM (NSCT). Disponível em: https://www.cia.gov/news-information/cia-the-war-on-terrorism/Counter_Terrorism_Strategy.pdf. Acesso em 10 jun. 2016, 2003.

SILBERSTEIN, Sandra. War of words: Language, Politics and 9/11. London: Routledge, 2002.